

Até isso, Laura?
Por Juliana Fernandes Gontijo.

No meio de uma dificuldade financeira, a vendedora de cosméticos, Flávia, não enxergava alternativa a não ser sublocar um quarto do apartamento que alugava.

Antes, conversou com o síndico do prédio, Alfeu, pois o imóvel era dele. O homem respondeu que não seria problema.

Flávia então “partiu” à procura de alguém. Começou pelas amigas mais próximas. Sabia que “ali” poderia encontrar uma pessoa de confiança. Lembrou-se de Laura, uma recepcionista que trabalhava em turno de 12 horas.

Ligou para ela:

— Oi, amiga. Saudade!

— Flavinha, quanto tempo! Como anda o trabalho?

— Você não vai acreditar! — Disse ela com certa tristeza.

— O que houve? Se eu puder ajudar, fico feliz.

— Não imagina o que me aconteceu! As vendas caíram muito no varejo. É a crise.

— Fala, pelo amor de Deus, mulher!

— Estou com uma enorme dificuldade financeira, por isso procuro alguém que me ajude com as despesas.

— Sério? Que chato, hein?

— E aí? Você ainda quer se mudar?

— Claro, não vejo a hora de sair da casa dos meus pais.

— Como somos amigas há muitos anos, o que acha da gente morar junto? A minha casa é toda mobiliada. Você só precisa trazer as suas coisas. Até cama e guarda-roupa eu tenho.

— Ótimo! Posso ir amanhã mesmo?

— Bem, deixa eu só dar uma ajeitada na casa aqui. Depois de amanhã você vem.

E ficou tudo combinado. Dois dias depois, Laura foi para a casa de Flávia com 5 malas.

— Não se assusta, não, amiga! Eu preciso disso tudo.

Flávia fez que não percebeu a “situação” e assim ficou. Afinal as duas eram amigas de muitos anos:

— Para que não tenhamos problemas, eu só tenho umas regrinhas aqui, certo, Laura? Vamos deixar como se fosse uma república.

— Pode ser, amiga!

— Na geladeira, a prateleira de cima é minha, a segunda fica com você e a terceira ficará livre.

Quando uma de nós colocar algum alimento ali significa que nós duas poderemos comê-lo, ok?

— Tudo bem!

— Na máquina de lavar, não misturamos nossas roupas, correto? E se for trazer alguém em casa, só avise antes, beleza?

— Por mim, está ótimo, Flavinha.

Tudo ia muito bem, até que um imprevisto aconteceu. O encanamento do banheiro social estourou e seriam precisos 15 dias para o conserto. Como o trabalho de Laura era mais flexível, a moça se ofereceu para ficar com a faxina após a saída dos pedreiros. O piso deveria ser arrancado para fazer o conserto, logo a sujeira seria de coçar qualquer nariz.

Como Flávia trabalhava até no sábado, Laura fazia toda a faxina da casa, pois saía para o trabalho somente às 18 horas.

A parceria das duas estava dando bastante certo. Elas pareciam até irmãs, tamanha a cumplicidade que elas começaram a ter.

No entanto, o serviço no banheiro não saiu como o combinado. Um dos pedreiros cometeu o deslize de furar mais um cano ao quebrar o piso. Alfeu, sem graça, disse que precisaria de, ao menos 2 meses, de espera das amigas para que tudo se ajeitasse. Sorte delas que o apartamento tinha suíte. Num final de semana prolongado, as duas foram para uma balada. Laura encheu a cara. Chegou em casa praticamente carregada pela amiga.

Flávia, vendo o "estado de Laura", levou-a para o banheiro. Quando ajudou a amiga a se despir, veio a surpresa!

Ela estava com um conjunto de calcinha e sutiã que Flávia havia ganhado de presente do namorado, mas nem havia tirado do pacote de compra.

A vendedora prendeu a respiração para não gritar de ódio e pegou o celular. Laura estava "fora" de si. Flávia a empurrou para dentro da banheira, abriu a torneira até a amiga recobrar os sentidos e saiu de lá. A raiva era demais. "Amanhã, você me paga" — Pensou.

No dia seguinte, durante o café da manhã, Laura agiu como se nada houvesse acontecido:

— Desculpe por beber demais ontem. Acho que passei da conta, né? Agora que a ficha caiu com o término do namoro com o Pedro.

— Não tem problema, Laura. Eu sei que faria o mesmo por mim. — Disse Flávia com uma risadinha sarcástica, mas querendo dizer: "sua cara de pau, o conjunto de lingerie que ganhei do Renato!"

O incidente passou; o concerto do banheiro também e Laura ia continuando com a faxina da casa.

Flávia ficava com a janta, o café da manhã e o almoço nos fins de semana, além das compras.

Em um domingo, quando as duas estavam, de bobeira, sentadas no sofá, Laura reclamou:

— Tenho andado tão cansada do serviço da casa.

— Mas eu não pedi para você limpar do jeito que está fazendo. Eu tinha faxineira duas vezes ao mês.

— Por que você não me falou, Flavinha?

— Você também não me perguntou, Laura.

Elas não conversaram muito tempo no sofá e nada da recepcionista falar à amiga sobre ter usado a calcinha e o sutiã.

Elas foram dormir.

Já deitada, a vendedora se mordida de raiva, mas não sabia como fazer a abordagem. "Isso há de ter um jeito. Vou esperar mais alguns dias e se ela não me contar, vamos ter problemas.

No outro dia à noite, quando chegou em casa, ela só queria tomar aquele banho morno, descansar após um dia estressante de trabalho. Nem entrou no banheiro e teve outra surpresa.

A sua toalha de banho estava molhada e com uma "marca de pé".

Da porta, chamou pela amiga que estava na área de serviço.

— Venha aqui, agora, Laura! Por favor!

— Olha como você fala, Flávia! Não sou sua empregada!

— Ah, não é mesmo! Mas precisamos colocar uns pingos nos "is".

— Não, entendi!

— Deixa eu te mostrar uma coisa!

Flávia foi ao seu quarto e mostrou a Laura a foto que fez no dia da debedeira.

— Como você fez isso comigo, Flávia? Eu estava bêbada. Estou me sentindo abusada!

— Para, né, Laura! Você sabe o que estou te mostrando. O seu rostinho que não é, muito menos, seu corpo.

— Isso é um abuso! Uma violência!

— Cala a boca! Essa calcinha e esse sutiã são meus. Eu nem havia tirado do pacote!

— ãh?

— Não se faça de boba!

— Desculpe, eu devia ter te falado, né? Achei o conjunto tão lindo.

— Como você mexe assim nas minhas coisas? Um conjunto de calcinha e sutiã que ganhei do meu namorado? E hoje a minha toalha branca? Você acabou com ela! Até isso, Laura?

— Eu esqueci a minha toalha no quarto.

— Ah, não me diga! E isso te dá o direito? O que mais você pegou escondido, hein?

— Não vai mais...

— Acontecer de novo? Ah, mas não vai mesmo! É melhor você...

— Juntar as coisas e sair daqui?

— Você acabou de dizer! Chega, Laura! Eu engoli o meu conjunto de lingerie, mas a toalha também?

— Está me mandando embora? E este tempo todo que te ajudei?

— Eu não pedi.

— Flávia, você está me expulsando da minha casa?

— Oi? Eu pago aluguel aqui, ao Alfeu, sabia? Com contrato e tudo! Fale com quem quiser. Agora, pegue suas coisas e se manda!

Flávia foi ao quarto de Laura e pegou três das cinco malas e levou para a portaria do prédio. Ela tentou impedir, mas não conseguiu:

— Eu não acredito no que estou vendo! — Gritou a recepcionista.

Os vizinhos iam abrindo portas e janelas bem devagar para saberem o que estava acontecendo no prédio.

A vendedora, roxa de raiva, nada falava. Laura saiu aos berros do apartamento:

— Para de escândalo, Flavinha! Que vergonha! Por causa de um conjunto de lingerie e uma toalha?

Eu reponho para você. Compro tudo novo. Quem está em dificuldade financeira aqui não sou eu!

A vendedora fingiu que não escutou e já pedia um táxi para a ex-amiga, assim ficaria livre de um problema.

O carro chegou. A portaria do prédio estava cheia de gente. Não havia uma só janela desocupada.

Flávia trazia a mala verde e colocava ao lado do carro. Laura vinha atrás com várias roupas empilhadas num braço e, com outro, arrastava a mala preta, a maior de todas:

— Tudo por causa de um conjunto de calcinha e sutiã? E uma toalha? Eu fui quase uma empregada na sua casa, Flavinha.

A vendedora se dirigiu ao motorista:

— Por favor, leve esta mulher embora! E não quero saber para onde ela vai. Tome estes 50 reais. O troco? É sua gorjeta. Suma com ela. Eu falo sério!

Flávia virou as costas, empurrou a mala preta para dentro do porta-malas e disse a Laura:

— Nunca mais me apareça aqui!

Virou-se para o taxista e falou:

— Pode arrancar, senhor.

— Ei, alto lá! Não vai nem me agradecer?

— Não ouvi isso, Laura! Você que me agradeça por não te acusar de roubo na polícia!

— Eu vou te processar, Flávia!

— Processa! Porque amanhã, eu vou a uma delegacia. Fale com quem quiser, com o Presidente da República, o Papa, um advogado! Não me importa! Mas suma da minha vida!

— Apague aquela foto ou te processo! — Repetiu Laura aos gritos.

O carro arrancou. A vendedora bateu três palmas e gritou:

— Ei, o teatro acabou. Vocês não perceberam? Voltem para seus afazeres. Ou todo mundo aqui não tem ocupação?

— Se fosse um teatro, Flávia, o diretor aqui seria eu! Sem mais confusão! Por favor, volte para seu apartamento. Deixa a ordem comigo, certo? — Interrompeu Alfeu.

As pessoas foram se retirando da portaria. As janelas se fechando e o povo abaixando o tom de voz.

Flávia entrou no apartamento. Por hora, aquele assunto estaria encerrado. Alfeu nada falou posteriormente.

A mulher precisou colocar a cabeça no lugar antes de rever tudo em casa.

Uma peça do aparelho de jantar quebrada, o liquidificador arranhado, todos os utensílios de lavar a louça sumidos. No lugar do rodo de chão, um bilhete dizia: "amiga, depois te devolvo." Era talvez o início da ponta de um enorme ice-berg. Ela estaria procurando outro lugar para morar?" — Pensou Flávia. Esta resposta a vendedora nunca teria.

"Os pés dela aqui? Jamais! Qualquer coisa eu tolero, mas desonestidade para cima de mim, não. Você plantou, Laura! Aqui mesmo, você colheu!"
